

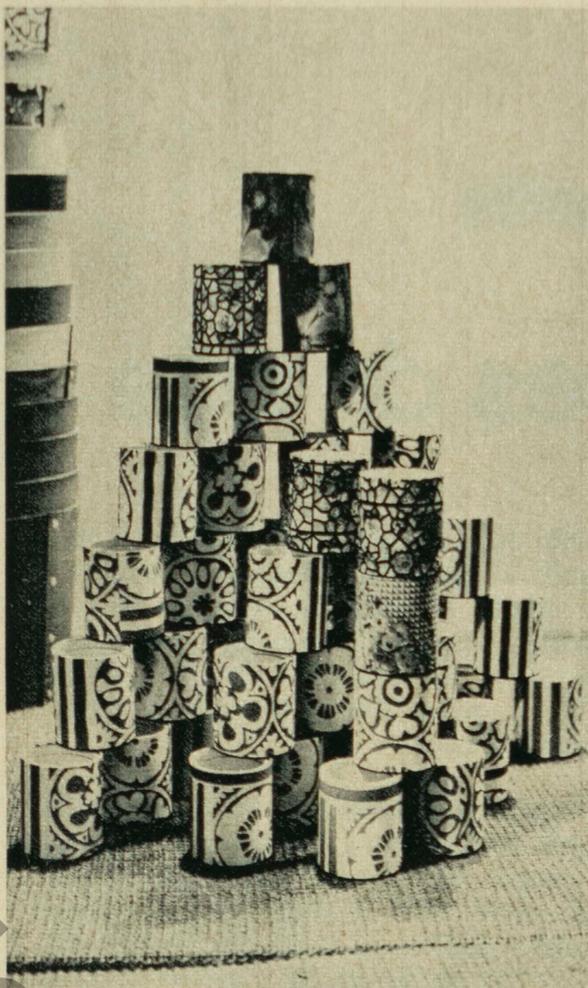
que corre aos leilões ansioso por um bom negócio ou por um quadro raro nem sempre alcança seu objetivo. "Bem feito", diz o crítico Jaime Maurício. "Ricaços ignorantes merecem a faca dos leiloeiros. Quem se interessa realmente por arte sabe freqüentar galerias e visitar ateliers de artistas."

Mas, na verdade, o comprador de arte está cada vez melhor informado sobre a mercadoria que adquire. Já não se encontram nas exposições os narizes franzidos de antigamente.

"A arte se popularizou", diz José Batista da Silva, que custeia seus estudos de sociologia com 4 000 ou 5 000 cruzeiros ganhos por mês como corretor autônomo de obras de arte. Sua função: entabular negócios entre proprietários e compradores mediante uma comissão. Ou bater de porta em porta com obras de artistas conhecidos em busca de freguesia. "Há quatro anos, quando comecei, não tinha um cliente. Hoje tenho seiscentos cadastrados. Na grande maioria, jovens arquitetos ou estudantes."

Gente como Roberto Marinho de Azevedo Neto, crítico cinematográfico e jornalista que, quando desempregado, há quatro anos, preferiu gastar todo o dinheiro de sua indenização num desenho do maior impressionista belga, Ensor. Fuçando em casas de antiguidade como a do "Zé dos Bichos", na Lapa, Rio de Janeiro, Roberto entrou num antiquário em leilão, onde todos os presentes estavam interessados em saber se um serviço da Companhia das Índias que tinha pertencido ao conde das Galveias, um dos vice-reis do Brasil no século XVIII, ia ser ou não comprado por um dos seus descendentes. Não notaram que no armário havia um desenho colorido que poderia ser, e era, de Ensor. Os descendentes do conde compraram o serviço, e Roberto o desenho — talvez o único no Brasil — por 800 cruzeiros. Foi o maior lance.

**Cresce a família** — De qualquer forma, o mercado de arte no Brasil cresce com muita força e pouco controle. Assim como o mercado de ações, ainda não se estabilizou e não definiu seus rumos. Mais de vinte galerias de arte foram abertas e fechadas em São Paulo nos últimos dez anos. Os leilões, sistema que promete incrementar o negócio, são facas de dois gumes para o artista: a obra pode tanto ser supervalorizada como vendida abaixo de sua cotação média. A Bolsa de Arte promete acabar com isso. Mas, para o comprador informado, sempre podem surgir ótimos negócios. E, afinal de contas, os leilões são bons para manter aceso o interesse pela arte. "Eles ajudam", diz Stefan Geyerhann, livreiro e dono da mais antiga galeria paulista, a Astréia, "a fazer crescer a família dos amantes e colecionadores de arte."



FOTOS DE TEO NUNES

Embalagens: com traços abstratos...



... para hipnotizar donas de casas...

... ou com a novidade dos plásticos



## Pacotes que vendem

Pacotes, invólucros, caixas, latas, latinhas, galões e recipientes de plástico ou papelão destinados a guardar tudo — cimento, óleos de cozinha ou de máquinas, comida, cosméticos, até um minúsculo comprimido ou caramelo —, que enfeitam prateleiras e esvaziam os bolsos de fregueses de vinte países, foram mostrados aos consumidores de São Paulo, no V Salão de Embalagens e IV de Artes Gráficas, ocupando metade da área do parque Anhembi.

Coloridos e ópticamente apetitosos, ajeitados com cuidado em seus stands, esses vendedores do século XX, segundo o diretor do salão, Rubens Ferraz, passaram uma semana (terminada domingo passado) revelando ao público consumidor a infinidade de produtos já existentes no mercado. Vão desde tonéis de plástico ou alumínio para venda de leite, água ou óleos industriais até coloridas "latas" plásticas para cerveja.

Filmes e palestras de natureza técnica e informativa ajudaram o público a compreender melhor essa indústria ainda jovem, cuja finalidade é vender. "Como a sociedade está caminhando a passos largos para o auto-serviço", diz Rubens Ferraz, "com a criação dos supermercados termina o velho conceito de vendedor, e é a embalagem que passa a desempenhar essa função, além de ser fonte publicitária."

**Alma do negócio** — No seu livro "A Nova Técnica de Convencer", o sociólogo americano Vance Packard afirma que as embalagens são as responsáveis pelas vendas de qualquer produto, "por um processo quase hipnótico de convencimento".

Vance Packard extraiu histórias significativas que exemplificam sua tese. Uma delas lhe foi contada pelo dono de uma cadeia de lojas de alimentos. A de uma dona de casa que depois de examinar um, dois, três, vários artigos (como quase todas as donas de casa), coloca-os de novo na prateleira. Então apanha um, e leva-o para casa. O dono perguntou por que escolhera aquele. Ela respondeu: "Gostei do pacote".

A fusão dos salões de artes gráficas e embalagens parece ter um motivo óbvio: se uma, para vender, tem que ser bonita e atraente, a outra é responsável pela criação.

"As duas se entrelaçam", explica Ferraz. "Apesar de o consumidor comprar a propaganda, ele quer que esta seja de primeira." E as 380 firmas de dezenove países (mais o Brasil) que participaram do salão confirmam com suas embalagens as palavras de Ferraz e parecem provar que, se a propaganda ainda é a alma do negócio, o seu lugar certo está à volta do negócio.

## Os bons lances da arte

**E**m 19 de janeiro de 1962, uma tela do pintor baiano Raimundo de Oliveira era vendida pela galeria As-tréia, de São Paulo, por 12 cruzeiros. Um Volkswagen sedã custava então 725 cruzeiros, sessenta vezes mais.

Hoje, um Volks nôvo sai por 13 200 cruzeiros e um modelo 1962 alcança, com muito favor, 5 000 cruzeiros, nem um centavo mais.

Um óleo de Raimundo de Oliveira foi vendido por 38 000 cruzeiros no último leilão da Petite Galerie, no Rio de Janeiro.

As artes plásticas, talvez contaminadas pelo espírito de investimento, poupança e lucros que domina os centros econômicos do país, também começam a movimentar capitais vultosos no Brasil. E o mercado de artes, a exemplo do de capitais, tende a crescer sem parar. Como as ações das boas companhias, a arte dos bons pintores ou escultores nacionais e estrangeiros sobe de preço dia a dia.

Mesmo o mecanismo de altas e baixas nas cotações dos mercados de arte e de ações é semelhante. Só que, em vez de atentos corretores controlarem o pregão com suas ofertas de compra e venda, são os leiloeiros — não menos atentos — que fazem subir a febre dos lances aos gritos de “quem dá mais?, quem dá mais?”



“Zé dos Bichos”: a arte pechinchada

Há duas semanas, selando definitivamente a identidade dos dois mercados, foi criada a Bôlsa de Arte do Rio de Janeiro, organizada pelo negociante José Carvalho, que pretende ser, para os artistas, o que a Bôlsa de Valôres é para os empresários.

**Façam seus lances** — Nela, uma paisagem de Guignard, de aproximadamente 35 por 40 cm, que seja a óleo e pintada entre 1955 e 1960, tem seu preço mínimo fixado em tórno de 20 000 cruzeiros. Ou então um Di Cavalcanti anterior a 1945, de 40 por 60 cm, valerá entre 20 000 e 22 000 cruzeiros.

Tudo tem um preço. Não importa o valor: uma simples gravura colorida com a assinatura de Goeldi, por exemplo, varia entre 500 e 800 cruzeiros. A Bôlsa adquire a obra e depois a põe à venda, em leilão. Ou recebe em consignação e faz o papel de intermediária entre proprietários e interessados. Mas sempre através de leilões que partem de preços mínimos por ela estabelecidos.

“Aproximem-se, senhoras e senhores. Silêncio, vai começar o leilão” — gritava no dia da estréia (3 de maio) o leiloeiro Lemos. E, antes que terminasse o primeiro dia de expediente da Bôlsa de Arte do Rio, os lances se sucederam, fazendo com que, por exemplo, uma obra de Portinari largasse com um mínimo de 40 000 cruzeiros, para, depois de várias advertências — “dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe...” —, chegasse aos 200 000.

**Compre a têrmo** — Aos compradores de economias reduzidas, condições de pagamento e financiamento — a exemplo das ações que são negociadas a têrmo nas bôlsas de valôres — resolvem o problema. A grande maioria dos bancos comerciais financia a compra de obras de arte em prazos de seis a doze meses, a juros bancários. Alguns bancos, inclusive, organizam suas próprias galerias.

Há duas semanas, o mercador de quadros carioca Franco Terranova, proprietário da Petite Galerie, leiloou mais de 240 peças de arte. O leilão foi feito em São Paulo no último andar do edifício do Banco Nacional de Minas Gerais, na avenida Paulista, em São Paulo. A intervalos de quinze minutos, garçons serviam uísque escocês, refrigerantes e café. Môças de short anotavam os lances e o velho Florestano, leiloeiro experiente, não



Leilão: não há negócio da China

parava de bater seu lápis na prancheta em que desenhos, óleos, gravuras e esculturas eram contabilizados.

No fim do leilão, que durou três dias, Franco Terranova fazia cara de chôro. Por quê? “Porque São Paulo me decepcionou”, diz êle. “Nossas vendas não passaram de 300 000 cruzeiros” — em boa parte financiados pelo Nacional.

**Mercado de arte** — Os leilões são cada vez mais freqüentes em São Paulo e na Guanabara, e cada vez mais nêles se concentra o movimento de compra e venda de quadros. Além dêles, as galerias, os corretores autônomos e as vendas diretas nos ateliers dos próprios artistas, mais as pechinchas descobertas nas casas de antiguidades, é que desenvolvem êsse mercado crescente.

A galeria Collectio e a Casa dos Leilões, firmas paulistanas dedicadas exclusivamente ao mesmo sistema de vendas da Bôlsa de Arte e de Franco Terranova, navegam de vento em pôpa nas águas generosas da arte. Em cada leilão que promovem, faturam pelo menos 400 000 cruzeiros.

Uma das técnicas usadas por essas firmas é a de ressuscitar, com bom planejamento, nomes esquecidos. O caso do pintor Ismael Nery é bem típico. A viúva — escritora Adalgisa Nery — e o poeta Murilo Mendes entregaram tôda a obra do pintor nas mãos de Franco Terranova e da “marchand de tableau” carioca Maria Lacerda. E os dois foram vendendo Ismael devagar. Primeiro um lote de dez óleos. Depois um conjunto de aquarelas. Em seguida um grupo de desenhos e estudos.

Foi tiro e queda. Num instante, a cotação de IN (assinatura de Ismael) teve alta de 1 000 por cento. E daí por diante seu preço não parou de subir.

Atualmente, Benjamin Steiner, argentino, sócio da Casa dos Leilões, está lançando De Fiori. Comprou um lote de óleos e desenhos do artista morto e, pacientemente, apresenta um quadro, depois outro e mais outro. A cotação de De Fiori, com isso, está subindo, subindo...

**Negócio da China** — O investidor